

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

Curso C-PEM/85

Partido.....

Solução do P-III-7 (EN) ENSAIO

Apresentada por

FREDERICO CORNER MONTENEGRO BENTES

CAPITÃO-DE-MAR-E-GUERRA

NOME E POSTO



RIO DE JANEIRO

19 85

M.M. - EGN
BIBLIOTECA
N.º 111

- O PENSAMENTO ESTRATÉGICO DE CASTEX -

FREDERICO CORNER MONTENEGRO BENTES
Capitão-de-Mar-e-Guerra

MINISTÉRIO DA MARINHA
ESCOLA DE GUERRA NAVAL

1985

GN-00000712-4

MM - EGN
BIBLIOTECA
24/06/1986
N: 115

- O PARANÁ DO ESTADO DO PARANÁ -

FREDERICO CORREIA MONTENEGRO BENEDETTI
Capitão-de-Mar-e-Guerra

MINISTÉRIO DA MARINHA
ESCALA DE GUERRA MARA

1987

TEMA: O PENSAMENTO ESTRATÉGICO DE CASTEX

Tópicos a abordar: Idéias de Castex sobre a missão das forças navais para o exercício do Domínio do Mar, e sua validade atual.

O pensamento de Castex sobre a "Jeune École". Apresentar e analisar a teoria do Perturbador. Procurar identificar, no Hemisfério Sul, alguma nação que a ela se adaptasse.

PROPOSIÇÃO: Analisar o pensamento de Castex sobre a missão das forças navais e sobre a "Jeune École" quanto a sua validade atual, em termos mundiais e, no caso particular do Brasil, verificar os efeitos da interligação destas idéias, adaptadas à atualidade, com a teoria do Perturbador aplicada ao Hemisfério Sul.



INDICE

	FOLHA
Proposição.....	II
CAPÍTULO 1 - MISSÃO DAS FORÇAS NAVAIS.....	1
CAPÍTULO 2 - A "JEUNE ÉCOLE".....	4
CAPÍTULO 3 - O "PERTURBADOR" NO HEMISFÉRIO SUL.....	6
CAPÍTULO 4 - CONCLUSÃO.....	9
BIBLIOGRAFIA.....	A-1

CAPÍTULO 1

MISSÃO DAS FORÇAS NAVAIS

No entender de Castex, a missão das forças navais, em face da importância econômica e militar do uso do mar, é obter o "domínio das comunicações marítimas de modo a dispor de todos os benefícios que se pode obter do mar", de modo ofensivo, impedindo, ao máximo possível, o comércio marítimo do inimigo, atacando suas costas e efetuando operações combinadas e, defensivamente, mantendo as ligações comerciais com o exterior e protegendo com eficácia o litoral (2:I,74).

Este conceito de domínio absoluto e integral do mar é discutido pelo próprio Castex, quando realça a impossibilidade física, mesmo para as maiores potências navais, de cobrirem todas as extensões oceânicas e, o fato de as comunicações marítimas não serem distribuídas homogêneamente no mar, mas se concentrarem em eixos entre os continentes e ao longo destes (2:I,75). Acrescenta que, o domínio absoluto no mar (obtido por uma batalha decisiva) não impede que as forças navais sejam reconstruídas, se a guerra for prolongada, ou mesmo se, mantidas diminuídas ou intactas (em potência), podem, sempre, fazer sortidas. (2:I,100).

Propõe Castex, à vista das inexatidões do conceito do domínio absoluto e integral do mar, que melhor será empregar as forças navais na obtenção do controle, parcial e temporário, de áreas marítimas. Finalmente, admitindo que a vitória no mar não é decisiva para a derrota total do inimigo, mas importante contribuição, pois a derrota só é obtida pela ocupação do território inimigo por tropas terrestres, afirma que o papel das forças navais é contribuir decisivamente para a vitória através do controle de áreas marítimas, dentro de uma estratégia naval, não subordinada

30 lines

à estratégia terrestre, mas integrada à estratégia geral, onde se incluem o abastecimento das tropas, o transporte de cargas militares e a projeção de poder, através de bombardeio do litoral inimigo e mudança de pontos de ataque (2:I,88), de importância no caso de países fronteiriços, principalmente (2:I,91).

Nas duas guerras mundiais foi o que ocorreu. A vitória foi o resultado da ação dos exércitos aliados, no caso europeu. No mar e, em particular no Atlântico, a vitória contra os submarinos teve repercussão no rompimento da tentativa de bloqueio econômico, pois foram afundadas onze e quatorze milhões de toneladas de navios mercantes aliados, respectivamente (5:VII-1). O encouraçado foi substituído pelo navio-aeródromo como navio capital e, o avião substituiu o canhão como arma naval por excelência.

O futuro da guerra no mar é uma incógnita em face dos avanços tecnológicos nos navios, nas armas e nos submarinos. No momento, coexistem navios-aeródromos, submarinos nucleares, mísseis de toda a ordem e canhões de tiro rápido, fragatas altamente complexas, etc.. É assim difícil afirmar qual será o navio capital de uma próxima guerra.

As superpotências têm, na atualidade, procurado estabelecer, ao que parece, áreas de controle de cunho estratégico, com esquadras de superfície, por exemplo no Mediterrâneo e no Índico, e posicionando submarinos dotados de mísseis balísticos com ogivas nucleares para projeção de poder e dissuasão, em substituição ao bombardeio do litoral, ação que, porém, dispensa o controle da área marítima pelo submarino. Se as redes de detecção sonar passiva estabelecidas no fundo são formas de controle de área, parece um caso a discutir.

Ao afirmar, com singular clarividência, que Estados Unidos e União Soviética poderiam ser objeto de tentativas de domínio do



mar, sugerindo que seriam oponentes no futuro, Castex analisa o efeito destas tentativas. Afirma que é destituído de sentido o exercício do domínio do mar pois, ambos os países possuem grandes massas terrestres, imensos recursos e pouco utilizam o mar, sendo, por isso, capazes de resistir por tempo indefinido com seus próprios meios(2:1,89) . No nosso entender isto é parcialmente verdadeiro. Ambos os países se utilizam do mar em larga extensão, mesmo que para a União Soviética seus motivos possam ser mais políticos que econômicos, exceto quanto à dependência da importação maciça de grãos. Os Estados Unidos são o mais importan-te parceiro comercial do mundo ocidental e grande importador. Isto leva a crer que, ambos, sofreriam consideráveis restrições, se fossem colocados obstáculos ao comércio marítimo. Por outro lado, no caso de um conflito não nuclear entre as superpotências o campo de batalha provavelmente será, de novo, a Europa e, a notável capacidade industrial norte-americana terá importância vital na sua sobrevivência. Do lado soviético, todavia, o regime vigente e as baixas condições naturais de bem estar das populações, aliados a uma forte carga ideológica e nacionalista, poderá superar as restrições à custa de meios próprios.

Num confronto nuclear, porém, a luta pelo domínio no mar, provavelmente deixará de ter sentido antes mesmo de começar. O mesmo se dará quanto à ocupação territorial, talvez se tornando dispensável por falta do que ocupar, ou mesmo de quem ocupar.

O pensamento de Castex sobre a missão das forças navais tem particular interesse para a Marinha Brasileira, como tema de meditação para a formulação da estratégia naval brasileira, no que se refere a conflitos entre países fronteiriços, antes referido.

*Queda estratégica
Naval de 1955
(Plano)*

CAPÍTULO 2

A "JEUNE ÉCOLE"

Segundo Castex, as idéias sobre a "jeune école" surgiram da análise dos conflitos no mar, ocorridos no Século XIX, todos constituídos por ações costeiras sem batalhas entre esquadras, e tiveram ímpeto com o advento de novas armas e potentes explosivos com destaque para o torpedo ^{mar} e o submarino (2:I,50).

Os defensores da "jeune école" negavam a necessidade das esquadras e das batalhas entre elas, tornadas inúteis diante dos novos engenhos, pois os pequenos navios, muito velozes, atacariam e fugiriam ao combate com os grandes navios. Defensivamente, a "jeune école" propunha distribuir numerosos navios em linhas ao longo do litoral. (2:I,51).

Castex não poderia aceitar, com facilidade, idéias que preconizavam o fim das esquadras de "dreadnoughts", responsáveis por encontros formidáveis, como em Tsushima e na Jutlândia, substituídas por pequenos navios incapazes de operar em alto-mar, negando-se ao engajamento em batalhas decisivas. Por isso menosprezou as idéias e chamou os navios de "poeira naval" (2:I,51).

No nosso entender, ambas as visões são extremadas. No caso dos defensores da "jeune école", a atitude é de ocorrência normal quando novas tecnologias ficam operacionais. Seus defensores e admiradores as imaginam capazes de solucionar todos os problemas onde possam ser aplicáveis. Do lado de Castex, sua posição parece de pura reação e desprezo contra idéias inovadoras.

Tanto é verdade que Castex, embora tenha destacado as vantagens dos navios da "jeune école" - quantidade, velocidade, especialização e proteção contra riscos, inclusive aéreos e submarinos, pela redução de tonelagem (2:I,52), Castex, porém, não visua

lizou o papel dos pequenos navios em complemento aos navios de linha.

Os pequenos navios ressurgiram recentemente, depois do episódio do "Eilath" em 1967 e do afundamento dos navios paquistaneses em 1971 (1:II-5). Daí por diante, pequenos, rápidos e especializados apareceram em quase todas as Marinhas, que assumiram aparência bi-modal, com complexos navios de grande porte e pequenos navios. Outras Marinhas possuem apenas estes navios. Algumas razões podem ser apontadas para o ressurgimento, não da "jeune école", mas de navios com as vantagens antes apontadas, de autoria de Castex: o alto custo e complexidade dos navios oceânicos, do porte corveta para cima, os progressos havidos com os mísseis superfície-superfície, e fatores geográficos que favorecem sua ação. (6:22) .

Embora os navios rápidos não possam operar em alto mar, até o limite máximo, digamos de duzentas milhas, se forem numerosos e dotados mísseis superfície-superfície, poderão ser particularmente eficazes contra navios de maior porte, atacando de várias direções, operando sob controle unificado de um navio de controle de área marítima e apoio AEW.(3:VIII-2).

Como exemplo de aplicação desta configuração na defesa e controle de área, pode-se imaginar a operação em mares fechados, como o Báltico, o Mediterrâneo e o Golfo Pérsico, e em áreas focais importantes, como é o caso do trecho Vitória-Santos, no Brasil.

Outras tarefas menos sofisticadas, mas não menos importantes, como a patrulha da Zona Econômica Exclusiva são atribuições perfeitamente cabíveis para os navios rápidos, agora menos sofisticados. Também é compatível a versão AS, dentro da idéia da especialização.

CAPÍTULO 3

O "PERTURBADOR" NO HEMISFÉRIO SUL

Castex elaborou a teoria do "perturbador" a partir da constatação de que, uma vez a cada século, surgia na Europa, "com regularidade quase astronômica" (2:V,116), um país determinado a obter a hegemonia continental. Ele poderia ser de dois tipos: a) o regular; e, b) o irregular.(2:V,119).

O primeiro é caracterizado por possuir um sentimento de urgência, sempre presente, de conquistar a hegemonia. Internamente mantém um regime normal ao longo do tempo, deixando a agitação para o campo externo. O segundo é aquele que passou por uma rutura violenta da ordem anterior, uma revolução com transformação social completa e guerra civil. Estas ações são apoiadas em forte ideologia, que Castex chama de misticismo, que dá origem, sucessivamente ao nacionalismo, ao imperialismo e, inevitavelmente, ao militarismo. O conjunto irradia a perturbação em todas as direções inclusive externamente.(2:V,135).

Países dos dois tipos têm a característica comum de serem novos, cheios de vitalidade, potencial humano, estão em plena expansão e dotados de grandes ambições (2:V,117).

No caso dos países perturbadores do tipo "regular", devido ao regime estável e normal, com atmosfera ordenada e direção competente, a instituição militar é colocada nas melhores condições, para obter a máxima eficácia, sendo, naturalmente, objeto de atenções pelo poder, porque ela é indispensável aos projetos expansionistas e hegemônicos (2:V,132).

A identificação de uma nação no Hemisfério Sul que se adapte a esta teoria, conduz a eliminar o maior "perturbador", do tipo "irregular" - Cuba - por se encontrar no Norte.

No Hemisfério Sul, no nosso entender, identifica-se a Argentina, classificável como "perturbador" do tipo "regular", à procura da reconquista da hegemonia perdida com a fragmentação do Vice-Reinado do Prata.

Embora aquele país não preencha integralmente todos os requisitos identificados por Castex, tendo passado por fases anormais, com regimes democráticos se alternando com autoritários, a meta hegemônica, em momento nenhum deixou de ser perseguida. No máximo observa-se uma redução da intensidade da "urgência".

As ações identificadas com propósitos hegemônicos podem ser traçadas até a época dos problemas com a Província Cisplatina e se desdobram nos campos diplomático, econômico e militar.

No campo diplomático observa-se a participação em pactos diversos, com pouca relação identificável com o Cone Sul, como é o caso do Pacto Andino. No campo econômico, observa-se, periódicamente, ações procurando obstar o comércio brasileiro por via terrestre com terceiros países e criar entraves à construção de Itaipú, que, se bem sucedidos, poriam em risco o desenvolvimento industrial do Brasil, com reflexos na sua capacidade de mobilização. Tudo por identificar o Brasil como seu oponente potencial mais importante aos propósitos hegemônicos. Além disso, um desenvolvimento nuclear importante, com perspectivas a médio prazo de obtenção de artefatos militares, o que lhe daria forte elemento de pressão regional. As Forças Armadas têm sido objeto de constante modernização e fortalecimento, a despeito das crises econômicas, e em boa parte obtida com material bélico importado.

Os episódios das Malvinas e do canal de Beagle parecem indicar, no nosso entender, paroxismos da urgência expansionista por razões de política interna, mas usando elementos nacionalistas, refletindo a noção mais mística do que ideológica, da meta per

manente de recomposição do Vice-Reinado do Prata, sob a forma mo
derna de hegemonia na América Latina de lingua espanhola.

CAPÍTULO 4

CONCLUSÃO

A validade atual do pensamento estratégico de Castex deve ser considerada sob duas perspectivas: para o caso das superpotências e países desenvolvidos, e do Brasil.

No primeiro caso ela pode ser contestada em face dos avanços tecnológicos ocorridos na guerra no mar, com destaque para o submarino nuclear dotado de mísseis balísticos, e a possibilidade de um conflito nuclear, considerando, ainda, terem decorrido cerca de cinquenta anos de sua formulação.

Para o caso brasileiro, a interligação dos temas propostos, embora analisados sucintamente, sugerem que, não somente o pensamento de Castex tem validade no presente, como deve ser objeto de maior meditação, principalmente se for considerada a presença de um "perturbador regular" fronteiriço.

Nesta ordem de idéias, o primeiro tema a ser repensado é o conceito de que a missão das forças navais tem participação importante, mas não decisiva, na vitória total. Isto significa aceitar a posição exposta por Castex, de que a estratégia naval deve se compor com a terrestre, dentro da estratégia geral, por mais difícil que seja deixar de ver esta posição como subalterna.

Segundo o pensamento de Castex deduz-se que a obtenção do controle de áreas marítimas é um meio, não a finalidade da missão das forças navais. Esta é apoiar as forças terrestres, inclusive pelo transporte de cargas militares, a projeção de poder pela mudança de pontos de ataque e interromper o comércio marítimo com o exterior.

Cenários prospectivos montados a partir dessa idéia bem podem dar origem a uma estratégia naval realística que conduza à de

finalização dos meios correspondentes necessários. Quer parecer que se terá reduzida a possibilidade de evitar desvios para missões exclusivamente oceânicas que, forçosamente, exigem meios sofisticados e complexos, caros demais para se tornarem realidade na quantidade identificada como necessária, acrescentando mais frustração.

As vantagens apontadas por Castex para os navios da "jeune école" não devem ser desprezadas dentro do contexto geral. Navios rápidos, pequenos, especializados bem podem ser a resposta para muitas das necessidades navais brasileiras, talvez mesmo com o abandono da idéia da Guarda Costeira, e dentro de uma concepção de Marinha bimodal, isto é, parte oceânica e parte costeira, se assim for considerada a faixa compreendida pela Zona Econômica Exclusiva.

A ênfase dada por Castex para a importância do aspecto econômico da guerra no mar deve ser considerada nos cenários, uma vez que, no caso limite de uma guerra com duas frentes, sul e norte, ambos os oponentes poderão desviar o tráfego marítimo para o Oceano Pacífico e Canal do Panamá, ou por outras partes adjacentes ao Mar do Caribe, respectivamente, além do inevitável transbordo de cargas em terceiros países.

Em síntese, as idéias de Castex têm validade atual para o caso brasileiro e por isso devem ser objeto de cuidadosa meditação.

BIBLIOGRAFIA

1. BULL, Hedley. Poderio naval e influência política. In: ESCOLA DE GUERRA NAVAL, LA-III-7602. A Estratégia, a Lei, a Economia e a Guerra no mar. Rio de Janeiro, EGN, 1976. p. VI-1 a 6.
2. CASTEX, Raoul. Théories stratégiques. Paris Société d'Éditions Géographiques, Maritimes et Coloniales, 1929-37. v.5
3. FEIGL, Hubert. O impacto da nova tecnologia no mar. In: ESCOLA DE GUERRA NAVAL, LA-III-7602. A Estratégia, a Lei, a Economia e a Guerra no mar. Rio de Janeiro, EGN, 1976. p. VIII-1 a 6.
4. HOLST, Johan Jorgen. Motivos, poder e perspectivas das Marinhas das superpotências. In: ESCOLA DE GUERRA NAVAL. LA-III-7602. A Estratégia, a Lei, a Economia e a Guerra no mar. Rio de Janeiro, EGN, 1976. p. III-1 a 9.
5. RUDBERG, P. Y. The naval situation in the Baltic. Naval Forces. IV (VI):21-32. 1985.



00007090000115

O pensamento estrategico de Castex

1-A-56

Escola de Guerra Naval
1956, p. VI-1 a

1. HULL, Robert. The
DE GUERRA NAVAL

2. CASTEX, Henri. Théories stratégiques. Paris Société
tisme Géographiques, Maritimes et Coloniales, 1925-27, v. 2

3. FEIGL, Robert. O impacto da nova tecnologia na guerra. In: ESCOLA
IA DE GUERRA NAVAL, IA-III-7602. A Estratégia, a Tática e a
economia e a guerra no mar. Rio de Janeiro, EBN, 1976, p.
VII-1 a 6.

4. HOIST, Johan Jorgen. Høivær, poder e perspektiver den Mari-
tiske skole i Norge. In: ESCOLA DE GUERRA NAVAL, IA-
11-7602. A Estratégia, a Tática e a Economia e a Guerra no
mar. Rio de Janeiro, EBN, 1976, p. III-1 a 3.

5. HUBBARD, P. F. The naval situation in the Baltic. Naval War
College, IV (VI):21-25, 1925.

Bentes, Frederico Corner Monte negro

O pensamento estrategico de Ca stex

1-A-56

DEVOLVER NOME LEIT. (115/86)

8 AGO 86

CC Talledo

16 AGO 88

CMG-MASHEREZ

27. DEZ 88

CC P. CE SAR

10 AGO 94

GARCIA

14 AGO 92

CONJUNTO

01 OUT 82

RENOVADO 8/1982

05 MAI 1993

CC TAVARES

13 MAI 1994

CC CIMA

04 JUN 2004

CP MAGNUS